

Criatividade desobediente: processos e habitações transversais

Disobedient creativity: transversal processes and dwellings

Flávia Pedrosa Vasconcelos
(PPGART/CAL-UFSM)

Resumo: Este trabalho tece uma conversa que habita desde uma caminhada entre conceitos que envolvem a docência universitária, em que as potências são revisitadas e não se observa apenas um ponto de vista, permitindo o atravessamento de ideias e conexões, entendendo o papel do passado e da história na produção de conhecimento. Neste sentido, reflete sobre o ambiente em que se desenvolvem o ensino, a pesquisa e extensão, indicando o papel do pensamento e da prática criativa e conceituando a partir de construções colaborativas de 2020 a 2024 do Laboratório de Criatividade e Inovação em Artes Visuais - LACRIA e do Grupo de Pesquisa Artes Visuais e Criatividade – AVEC – CNPq da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Portanto, compreende o desafio contemporâneo da promoção da criatividade e o papel da memória e a história, revendo-as em uma postura de criatividade desobediente.

Palavras-chave: criatividade, decolonialidade, docência universitária

Abstract: *This work weaves a conversation that dwells from a walk between concepts that involve university teaching, in which powers are revisited and not only one point of view is observed, allowing the crossing of ideas and connections, understanding the role of the past and history in the production of knowledge. In this sense, it reflects on the environment in which teaching, research and extension are developed, indicating the role of creative thinking and practice and conceptualizing from collaborative constructions from 2020 to 2024 of the Laboratory of Creativity and Innovation in Visual Arts - LACRIA and the Visual Arts and Creativity Research Group - AVEC - CNPq of the Federal University of Santa Maria - UFSM. Therefore, it understands the contemporary challenge of promoting creativity and the role of memory and history, reviewing them in a posture of disobedient creativity.*

Keywords: *creativity, decoloniality, university teaching*

A caminhada de quem se faz caminhante

Atravessar ideias, passar por escolhas que nos evidenciam, representando na experiência a partir do que vemos. Todo ato de ver é um ato de reconhecer e talvez por isso esteja conectado a modos de existência que fomos persuadidos e que em algum momento e em algum sentido, influenciámos. Quando optamos por exemplo, pelo estudo específico de um conteúdo, estamos o separando de outras conexões e traduzindo-o ao compartilhar com os discentes. Nessa seleção estamos deixando de ver outro ponto de vista.

Todos aqui veem de diferentes aspectos em um ponto de vista a depender das relações entre espaço, tempo e vontade. Nossas vontades carregam questões culturais que envolvem em uma teia intrínseca saberes e fazeres da profissão. Trago o que considero como ponto de vista da docência universitária, visibilizando-a, de onde minha identidade profissional se constitui. A este ponto de vista, configuro trajetórias que tenho percorrido atentando para pistas sobre os modos em que saberes e fazeres foram sendo afirmados em teorias e práticas, em saberes e fazeres contextualizados. Tal como Read (1980, p.11), destaco que

Vemos o que queremos ver, e o que queremos ver é determinado, não pelas inevitáveis leis da óptica ou mesmo (como pode ser o caso dos animais selvagens) por instinto ou sobrevivência, mas pelo desejo de descobrir ou construir um mundo verossímil.

Apesar de tantos debates e políticas em torno da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, não é raro perceber contemporaneamente colegas docentes da universidade atuando com estes campos como membros dissociados do corpo do conhecimento. Há alguns que preferem a pesquisa outros, o ensino, outros a extensão. Alguns trabalham dois desses vieses e um deles fica em terceiro plano ou na gaveta, esquecido. Pergunto então sobre o que faz em nossa formação optarmos por uma visão específica do saber-fazer no trabalho docente? Por que em pleno século XXI não temos uma visão que focalmente englobe nossos saberes e fazeres que dialogam cotidianamente nas aulas, nas experiências com os discentes?

Remonto então ao território que nos separou por séculos, que ainda resiste na tradição acadêmica, herança da colonização que chega a nós na América Latina, na formação universitária: a divisão de conhecimentos em conteúdos, a hierarquização de saberes e fazeres e o descolamento da presença da ancestralidade dos povos originários em nossa cultura.

Um passo acerca da colonização. Interpretamos que o processo de civilização da América Latina em registro na História oficial e vigente demandou uma violência estrutural e simbólica. Isso resultou no apagamento das culturas e o silenciamento de povos que nesse território viviam, em um caminho basicamente arquitetado por homens que faziam parte de uma elite com uma visão de Ocidente.

Com essa visão usurpadora de bens culturais, patrimônios materiais e imateriais, de imputação de saberes e fazeres tradicionais¹ que geraram em amputações diversas, reproduziu-se uma cartografia cruel e eurocêntrica, produtora de imensos etnocídios, os quais deixaram cicatrizes que vez ou outra sangram, como nos aponta Galeano (2012).

Destaco que aqui trago que nesses saberes e fazeres apagados e silenciados reside também a ancestralidade como a raiz de nossa memória, de quem somos e como podemos nos tornar no contexto que fomos criados e no(s) que fomos sendo construídos. Como uma matéria viva na lembrança das pessoas idosas, referências que vão sendo repassadas de geração para geração, modos de saberes e fazeres que operam identidades e pertencimento no território que habitamos. Isso significa que seja por hábitos, costumes ou tradições, estamos criando cotidianamente uma trajetória que tem suas referências e que vai além dos discursos autorizados e legitimados na/da universidade.

Destarte, alguns anos atrás, escutei em um debate em congresso acerca da morte da História, da morte da Arte e da morte da Cultura. Ao tempo em que começamos a escutar nossas vozes latino-americanas, começamos a compreender o que nos formou, nos registrou e nos destinou segundo processos complexos de manipulação de nossos espaços. A questão nessas diferentes mortes reside no fato de que existia algo anterior e territorial ao que no discurso impera e que foi silenciado ou sumariamente apagado. Neste sentido, tendemos a caminhar segundo os mandamentos homologados em modos de pensar, agir que inferem em ensinar, investigar e criar na universidade e nas suas relações com a comunidade em que se insere. A esse seguir de rebanho em uma linha previsível, que questionaremos a seguir.

Entendendo o papel das três grandes áreas na formação das pessoas: História (por sua relação imediata com a memória), Arte (pela necessidade criadora e ampliação do olhar) e Cultura (pela constituição de si e dos outros no meio), observo o processo que essas mortes nos trouxeram diante da negação de nosso passado, de nossos olhares e criações e de nossos hábitos e costumes.

Ao conviver com discursos que priorizam uma base importada de áreas que foram especificadas como disciplinas do saber e do fazer, tendemos a esquecer ou relevar o que não ficou registrado na História, na Arte e na Cultura. Reavendo minha atuação e meu modo de operar na escrita, tenho consciência que por vezes em meus textos e investigações repeti modos aprendidos de saber e fazer que privilegiam essa hierarquização citando apenas autores do Ocidente europeu

1 O Conceito de "tradição" ou "tradicional" quando relacionado à universidade, atenta-se para uma proposta do Ocidente que dividiu o conhecimento em áreas e conteúdos particulares e dissociados. Quando relacionado à saberes e fazeres das culturas que não estão em registro oficial, "tradição" e "tradicional" são referidos como "tradicionalidades", ao apreender as ancestralidades nos territórios das comunidades de diferentes povos que formaram o Brasil.

e/ou estadunidense e priorizando vozes brancas e masculinas não porque as afirmasse como únicas, mas por um desconhecimento de outros olhares. A estratégia que nos colocou nesse papel na universidade esmagou as outras vozes que nos formaram, que muitas vezes poderão estar intrinsecamente em processos e procedimentos culturais, em situações e momentos experienciados no contexto das aulas, pesquisas e diálogos com a comunidade.

Conectando nessa discussão, trago as relações dentro da área que atuo: Artes Visuais e das habitações em atitudes didáticas na identidade profissional que reverberam a tradição acadêmica em docentes que se consideram apenas artistas e pesquisadores, provocando em seus discursos uma atuação descolada da profissão professor, como se ali estivessem magicamente e/ou iluminados por alguma entidade divina dando aulas, tal qual os mestres da Academia italiana em pleno século XVI que dispunham seus saberes e fazeres para serem reproduzidos pelos aprendizes.

Nesse contexto, inclusive, há docentes que se constroem como professores/pesquisadores ou professores/artistas/pesquisadores. O primeiro, dialogando com a ação do ensino com a pesquisa e sua produção, porém negando o processo artístico pessoal e coletivo que pode ocorrer em sala de aula, em outra leitura da tradição acadêmica ao descolar a teoria da prática criadora. O segundo, tentando articular as três identidades e nem sempre conseguindo que todas coexistam no espaço-tempo que habitam, entendendo os meandros do ensino e do aprendizado e suas colaborações, o papel do processo criativo e da criatividade e a pesquisa como potência para revisar teorias e práticas.

A caminhada do docente da universidade perpassa todas essas questões quando mapeamos a influência exercida na formação de futuros profissionais, sejam bacharéis ou licenciados. Tendo o caminhar como escolha manifesta em que se observa e vivencia processos de modo individual e coletivo, por meio da proatividade, a colaboração e a presentificação, retomo ao próprio ato de seguir passo a passo, interpretando o que é visto como um processo que prescinde uma estética do olhar. Concordando com Rey (2010, p.110), “a caminhada e o trajeto são tomados enquanto experiência profunda, capaz de operar simbolicamente tanto nos territórios quanto no imaginário e na subjetividade dos indivíduos.”. Assim, nos deslocamos para nos situarmos diante de nossa existência entre um aqui e um acolá, entre o presente e o futuro.

O que se faz caminhante interpreta que a todo o momento persiste a potência, tão evidenciada em suas possibilidades de ser e não ser como indica Agamben (2006), assume um comportamento de diálogo na experiência e se revê diante dos percursos que são construídos na medida em que se formam como tal, traduzindo na identidade profissional. Nas pontes que são possíveis em teorias e práticas, encontramos momentos em que nos questionamos, duvidamos e com isso, aprendemos estratégias que nos reverberam, que nos lembram

sobre as escolhas, o desenvolvimento contínuo das habilidades e competências necessárias na carreira.

O processo da desobediência e a criatividade

Uma vírgula para a desobediência. Estamos na atitude de “professor-burocrata”, atados a um sistema que nos pressiona. Escutei em meados de julho deste ano essa expressão a partir de desabafo de um colega de universidade no nordeste que muito admiro, um profissional que tem atuado com consciência e compromisso no ensino, na pesquisa e na extensão. Esse termo me fez repensar sobre os aspectos atuais de operacionalização do saber-fazer docente que tem influenciado em uma série de comportamentos geradores de um movimento expressivo de cobranças que visam a divisão de saberes e fazeres cada vez mais disciplinares tanto como ao disciplinamento de pensamentos e corpos entre colegas docentes e entre docentes e discentes, o que vai ao encontro da abordagem que delimita também o espaço e suas atuações, pois:

Cada indivíduo no seu lugar; e em cada lugar, um indivíduo. [...] O espaço disciplinar tende a se dividir em tantas parcelas quando corpos ou elementos há a repartir. [...] A disciplina não é mais simplesmente uma arte de repartir os corpos, de extrair e acumular o tempo deles, mas de compor forças para obter um aparelho eficiente. (Foucault, 1999, p.123, 138).

Diante de tal maquinário em que a docência universitária está engendrada, reconhecemos assume na formação de profissionais, e refletindo acerca do disciplinamento dos pensamentos e dos corpos que instituiu um trabalho especializado e em distanciamento de propostas colaborativas, interdisciplinares e transversais, trago as conexões entre Belting (2006) e de Mignolo (2008) em que as mortes da História, da morte da Arte e da morte da Cultura interferem nos modos de ver que construímos, nos discursos que homologamos e nas práticas que desenvolvemos diante de uma colonialidade. Esta última, funcionando como um sistema que opera para reger modos de saberes e fazeres particulares no cotidiano, que traduzindo de Foucault (1979) começa nas relações de saber e poder e se apresenta como uma estratégia para uma filtragem sobre de que saberes e de que poderes contribuiremos na formação dos discentes, no papel de der na hierarquização acadêmica.

Além da tradição acadêmica e de sua hierarquização com *modus operandi* descontextualizados, após as mortes da História, da Arte e da Cultura, desconfio que a sociedade atual caminha para a morte do Tempo em estratégias de dominação cada vez mais manipuladoras e esmagadoras. A despeito disso, tenho refletido sobre tempos que inauguram essa morte do tempo:

1. O tempo do esquecimento. Esqueceu? Esqueci o que? Não sei, eu simplesmente esqueci, não lembro.

2. O tempo do imediato. Tem que ser agora e para ontem.
3. O tempo que falta tempo. Com isso, se perde no tempo, languidamente.

Esses três tempos são fases que ocorrem cotidianamente, especialmente no começo do século XXI com a expansão da internet, dos meios digitais e das redes sociais, com o sequestro do tempo, cada vez mais cerceado de informação, entretenimento e processos de alienação em plataformas planejadas para reter o olhar e apreender a vista, detendo-a para pontos de vista em específico e aumento do consumo de imagens, por conseguinte, de produtos. Uma seqüela da morte do tempo é o acúmulo, o excesso que tem gerado na população em geral um aprofundamento de sintomas de esgotamento e em consequência o adoecimento mental, tal como a presença cada vez mais evidente da Síndrome de Burnout ou Síndrome do Esgotamento Profissional, um distúrbio recorrente diante das estratégias que assinalai anteriormente e com isso aumentam o estresse e esgotamento mental.

O contínuo bombardeamento de informação nas mídias e redes sociais no estímulo a uma sociedade do consumo cada vez mais alienada e desconectada de sentidos, leva a uma postura em que as pessoas se toram sujeitos-alvo de um sistema em que:

O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de “sabedoria”, mas no sentido de “estar informado”), o que consegue é que nada lhe aconteça [...] Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. (Bondía, 2002, pgs. 22, 23).

A apropriação do tempo em uma compartimentação programada para que se promova uma desatenção ao que poderia produzir um desenvolvimento crítico e reflexivo das pessoas, como sujeitos-alvo de um sistema contribui para uma velocidade de progressão da desarticulação da consciência. Dessa maneira, o sistema pressiona o tempo, espremendo-o em cronogramas, tarefas e funções a serem realizadas o quanto antes, ou se não, para ontem. O tempo repartido e todo o excesso de informação seja escrita, visual ou sonora revelam a constante poluição em que nossas mentes estão imersas, dificultando por consequência a experiência criadora na sala de aula.

Com isso, o principal instrumento arquitetado por esse processo de morte do tempo é encontrado em universidades pelo mundo afora no século XXI nas

plataformas de avaliação em larga escala que classifica e ranqueia as melhores universidades e, assim, as que devem ter os melhores cursos e docentes. Um dos que tem larga influência no Brasil é o *Times Higher Education* (THE), que disponibiliza dados de desempenho calibrados para comparar a atividade em ensino, pesquisa e impacto. Este último especialmente, que tem origem etimológica no latim, relacionada às noções de lançar e impelir.

Ao indicar que a universidade vai ser mensurada pelo seu impacto, o território que abrange assim como suas relações cartográficas são referidas, relendo para justificativa de sua inserção, os discursos que reproduzem o ideário do século XIX ao se apropriar de parâmetros evolutivos do mundo corporativo para o espaço da universidade, em seu universo e potências, engendrando-a como uma máquina na produção de produtos específicos para serem consumidos, tecnicizando-a.

Interpreto que o ranqueamento tem alterado nossos processos formativos que deveriam ser um contínuo “tornar-se” com o tempo, o espaço e as pessoas, que estamos mudando nossos discursos para atender clientes e entregar resultados e não para formar pessoas para um mundo melhor. Assim, pode-se inferir que foi reforçado o produtivismo acadêmico, especialmente após 2020 e a pandemia de covid19, regulando e controlando de modo quantitativo os processos da atuação docente universitária em termos apenas de produção, seja técnica, artística e/ou científica.

O conhecido *publish or perish* alavanca parâmetros idealizados que terminam por comprometer e precarizar os modos de trabalho e construção entre docentes e entre docentes e discentes. Esses parâmetros definem políticas de avaliação e financiamento na graduação e, com maior intensidade, na Pós-Graduação, associando também os níveis de progressão na carreira, o que, somados a um aumento de atividades de gestão e de trâmites administrativos, tem ocupado espaços de tempo cada vez maiores, exercendo pressão sobre a qualidade dos processos de ensino, pesquisa e extensão.

Diante dessa problemática, trago a estratégia desobediente (Vasconcelos, 2024) para criar um outro Tempo, visualizando na estrutura de pressão que o acúmulo e o excesso exercem tal qual na ampliação de funções e disciplinamento de espaços e corpos, uma opressão e tenciono essa estratégia propositalmente em minha inserção na universidade considerando o gênero, a vida pessoal e o território das Artes Visuais na formação de artistas e professores, nos processos criativos e investigativos dentro e fora da sala de aula e nas conexões com a comunidade.

Cotidianamente atuando na licenciatura e no bacharelado em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM em disciplinas que tratam de metodologias da pesquisa em Artes Visuais, de teoria e história do ensino de Artes Visuais, de práticas artístico/educativas em ambientes não formais da educação, dialogo com materiais e teorias diferentes, não negando possibilidades de uso

e apropriação. No Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais - PPGART revisito teorias a partir da reflexão sobre processos criativos, experiência e Arte Contemporânea. Com isso, trato a área de Artes Visuais em práxis² criadoras na sala de aula e tudo isso enquanto mulher/mãe/professora/artista/pesquisadora, identidade que interfere na organização da atuação e trago outra questão que considero essencial para refletirmos no que tange à situação da docência universitária no país: a criatividade.

Compreendendo que a criatividade nasce no pensamento e se concretiza em ação, analiso os resultados sobre os testes do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA) que avaliou estudantes de 15 anos em 2022 em 81 países. No documento “Notas sobre o Brasil no PISA 2022”, publicado em 2023 pela Diretoria de Avaliação da Educação Básica (DAEB) do Ministério da Educação (MEC), percebe-se a menção de que o exame teve “o pensamento criativo como a área inovadora de avaliação” (p.20).

Em seguida a esse resultado, encontramos a consideração do PISA 2022 em ranking elaborado no primeiro semestre de 2024 pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) com 64 países, sendo o pensamento criativo “competência para se envolver produtivamente na geração, avaliação e aprimoramento de ideias que possam resultar em soluções originais e eficazes, avanços no conhecimento e expressões impactantes da imaginação”.

Na análise e 2024 que foca no pensamento criativo, o Brasil ficou em 49º lugar, abaixo da média no ranking da OCDE. Essa situação nos remete ao passado que construiu nossa cultura e a refletir que ao mesmo tempo em que a competências e habilidades descontextualizados não possibilitam o pensamento criativo, o modelo de educação do Ocidente que temos hoje distancia a criatividade de sua base artística, na capacidade de imaginar, inventar e na possibilidade de inovar, que deveria ser prioridade quando atentamos para a promoção de uma educação de qualidade e excelência, que promova potencialidades e reduza as desigualdades sociais.

Apesar do documento “Matriz de Referência para pensamento criativo” ter sido publicado em 2021 pela DAEB - MEC, sabemos que dificilmente teríamos bons resultados, pois o modelo de universidade brasileiro ainda reside em grande parte numa tradição colonizada e descontextual, na formatação tradicional de produção e reprodução de conhecimento. Desse jeito, entendemos uma imprescindível mudança não somente na visão que compõe o paradigma curricular e disciplinar que divide academicamente as áreas, porém nas práticas cotidianas e metodologias dos docentes de cada área, em suas formas de trabalhar e pensar,

² Trato aqui a práxis relendo especialmente o trabalho de VAZQUEZ (1997) na tripla problemática: transformação de uma realidade que oprime, a necessidade de transformar esta realidade e a transformação baseada em uma crítica e por meio de uma experiência compartilhada para que haja uma transformação.

implantando-se outras culturas de saberes e fazeres no ensino, na pesquisa e na extensão por meio da conscientização a colaboração efetiva e dialógica.

Pensamento e ação criativa colaboram na perspectiva desobediente, pois não conseguem existir em processos e ambientes formatados previamente, emergem das potências do cotidiano e revisitam os territórios ancestrais. A desobediência é uma postura, uma posição metodológica ao mesmo tempo que segue alguns parâmetros de desenvolvimento: se entende o passado e o revê, se encontra brechas e respiros, se presentifica e se traduz em outras formas de olhar, perceber e produzir.

Ao passo disso, a docência universitária tem uma responsabilidade sobre a formação de cidadãos para o futuro, pois forma profissionais, sejam licenciados que atuarão nos espaços que formam outras pessoas, ou bacharéis que em seu campo precisarão ter uma visão ampliada da realidade. Nos dois casos, licenciados e bacharéis necessitam contemporaneamente do pensamento criativo e isso se dá através da mudança do paradigma tradicional da universidade em uma conexão ampliada sobre saberes e fazeres culturais potencializadores de mudanças, no trabalho interdisciplinar e transversal.

Contextualizando habitações transversais

A desobediência é uma proposta de ousadia diante da morte do tempo, com os parâmetros de acompanhamento e uso de espaços, do disciplinamento e das avaliações e das propostas eurocentradas, de um espaço que foi e continua sendo de viés colonizado e colonizatório. O desafio da desobediência prescinde a necessidade de promoção e apropriação contextualizada do pensamento criativo. Diante disso, traduzimos experiências em que colaboração, transversalidade e contextualização fazem parte de estratégias para o pensamento e a prática criativa no Laboratório de Criatividade e Inovação em Artes Visuais - LACRIA e no Grupo de Pesquisa Artes Visuais e Criatividade – AVEC da UFSM.

Estratégia contemporânea de resposta frente às crises climática, social, econômica, a desobediência propõe uma outra habitação do espaço e tempo, com ousadia mas também com afetos de modo ético, estético e político. Ao largo que mapeia e, com isso realiza uma outra cartografia além do registro nos espaços em territórios que vão sendo reconhecidos por meio de experiências e de apropriações de materiais em práxis criadoras, a desobediência se posiciona para a abertura do pensamento e da prática criativa.

Neste sentido, defendo que enunciando conceitos e contextos dessa atitude epistemológica na universidade que não assumiu (nem assume) uma postura única do processo e que habitou (e ainda habita), abre-se espaços para diferentes olhares em saberes e fazeres transversais no cotidiano de percursos investigativos, de produção e de processos de ensino/aprendizagem. Diante disso, na caminhada da desobediência em que o tempo é revisitado, onde

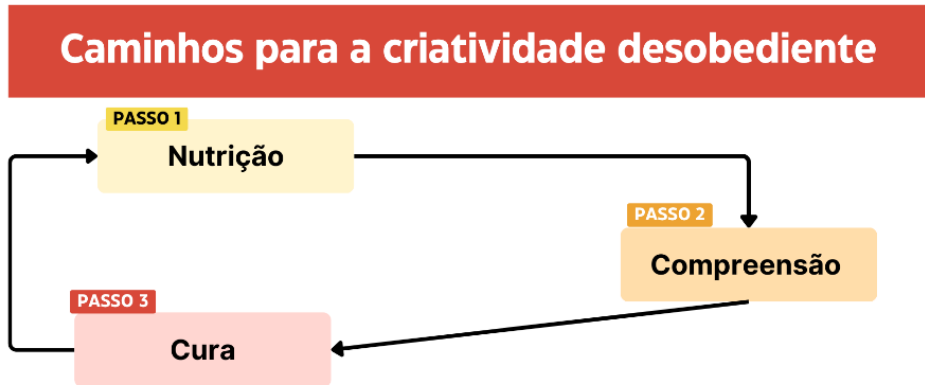


Figura 1. Visualização gráfica que exemplifica os passos da criatividade desobediente e as suas relações. 2024. Acervo da autora.

memória e história conversam, na atenção e presentificação de quem se propõe realmente caminhar, ponderando para o que é visto, olhando seus detalhes e delicadezas entre o que afeta e o que nos gera afeto, ressalto a necessidade de se fazer caminhante.

Assim, sigamos alguns passos não somente na postura de peregrinos buscando estações de conhecimento e autoconhecimento, porém interpretando as relações que o tempo e espaço atuam em nossos saberes e fazeres da docência, em que pessoas e meio ambiente estão intrinsecamente ligados. Foram escolhidos como uma tríade que não atende a uma cronologia, já que se refaz: começo, meio e fim que são retomados na medida do necessário e de forma cíclica, pois ser docente na universidade é um contínuo “tornar-se” docente na universidade.

Das experiências desenvolvidas e registradas em projetos de ensino, pesquisa e extensão, tenho articulado os temas da Criatividade, Decolonialidade e Inovação ao longo de 2020 a 2024, tendo finalizado já 14 projetos, dos quais 12 fui coordenadora. Atualmente colaboro em 11 projetos, dos quais 4 coordeno, sendo 1 de pesquisa, 1 de pesquisa em inovação e 2 de extensão. Desse modo, desenvolvi um método artístico/educativo nas orientações de investigações e em processos em sala de aula que abarca os três passos: 1. Nutrição, 2. Compreensão e 3. Cura. A fig.1 abaixo demonstra suas conexões entre esses passos em um círculo que se comunica e logo depois os descrevo.

O primeiro passo é nutrição. Para acordar, temos o esforço de abrir olhos e fazer uma série de tarefas para nos sentirmos atentos, alertas e realmente acordados. Nutrimos diariamente modos de ver que influenciam a vista treinada, viciada,

alienada ou crítica e que podem coexistir na estrutura identitária no território que habitamos.

Teorias e conceitos tanto como práticas são possíveis diante de uma tradição que nos deu certo corpo ao mesmo tempo de uma corporeidade, de um estar presente com referências conforme tínhamos experiências em ações, imagens, palavras, conexões, transformando em algo concreto o que nos alimentava. Claro que, nem todo alimento nutre e provê para nossa essência de modo qualitativo, por essa razão concordo com Martins (2019) quando elabora o conceito de nutrição estética como uma espécie de “gatilho” de alimentos específicos que nos leva a um encontro ampliado com o ser/estar no tempo e no espaço. A nutrição estética como escolha de um caminhante estimula aos docentes das universidades a progressão das aprendizagens com os discentes, colaborando na construção de vistas ampliadas com interações que ocorrem no decorrer das aulas e que mudam a cada mês, cada semestre e cada ano.

O segundo passo é compreensão. Aqui trago uma referência de Carson (1962), quando trata do silêncio como alerta para algo que precisa ser urgentemente reavaliado. Na pressão da entrega e das burocracias que persistem como *modus operandi* de uma máquina regiamente preparada para regulação de modos de saber e fazer nas universidades, tendemos a seguir o rumo que controla nosso tempo, preenchendo planilhas, formulários, entregando avaliações e suas respectivas notas. Na falta de som, deixamos de nos ouvir e ouvir aos outros, entregamos o mesmo em toda disciplina como se nada de novo houvesse diante do sol, assim foi homologado e engendrado. Porém, temos a escolha de construir um outro tempo, atentando para essa ausência e promovendo as vozes que nos formam e que formamos em conjunto com os discentes. Para tal, estímulo e vontade a seguir um trajeto que tem necessidade de dar passos para trás para entender como dar passos para frente, re(a)vendo o passado, presentificando o presente e traduzindo em um futuro consciente socioambientalmente.

O terceiro passo é de cura. O remédio que nos aparece nesse percurso relembra Freire (2000) em suas constantes problematizações, do direito e do dever de mudar o mundo ao se indignar com a situação que nos encontramos e ao agir crítico e reflexivo. Neste panorama, converso com o exposto em Latour (2020), é imprescindível novas aterragens no território que habitamos, pois contemporaneamente interpreto o habitar diante do mobilizar a memória numa era que promoveu o esquecimento e mobilizar a ação em consciência ecológica nas interações com o contexto, em compromisso socioambiental.

As habitações desses três passos permitem as transversalidades, seja na correlação entre tempo, espaço e conteúdo na experiência criadora em sala de aula, ou em conversa entre uma área e outra, na troca e na abertura de colaboração, no processo de trabalho em equipe e na consciência compartilhada da memória e da história. A transversalidade não reside na transdisciplinaridade, assume seu

papel transformador e revela um território expandido além de saberes e fazeres disciplinares e de seus disciplinamentos, traz para dentro e presentifica os saberes e fazeres tradicionais e as ancestralidades que dificilmente se encontram no ambiente universitário.

Considerações finais

O debate aqui instaurado e suas potencialidades não findam nas considerações. O processo de discussão e aprimoramento da criatividade por meio da desobediência em habitações transversais reside em posturas que vão sendo cultivadas cotidianamente, num outro tempo, que se torna mais elástico e sensível. É a esse tempo que sugiro nos atentar e buscar.

Na capacidade de traduzir essas relações, compreendo que a escolha não é simples. Estamos enredados nessa teia que nos inventaram para seguir, num sistema em que silenciemos diante do aumento da burocracia, das avaliações sistemáticas, da continuidade de um tratamento operacional e engendrado do saber-fazer docente, deixando levar o tempo em demarcações de entrega e prazos a serem cumpridos regamente. Ao lado disso, a docência universitária se torna refém de egos bem nutridos pela especialização e por suas hierarquizações diante de um passado que reforça a academia e nos tornamos mais um instrumento de colonização dentro da maquinária colonial que nos aflige.

Não estar em desobediência também acaba sendo confortável, pois dentro da medida não se chama atenção e se faz o básico, o que se acha que deve ser feito e seguido, como no caminho do rebanho, imersos no efeito manada. Repetindo as mesmas ideias, ações e proposições, estamos na universidade consolando nossos próprios medos de progressão profissional, inundando nossos cérebros a um costume que come o tempo e mata a curiosidade, espaço que possibilitaria saltos qualitativos de criatividade. Ao quantificar sem qualificar, ao mensurar sem dar espaços para respiros, nos tornamos peças substituíveis e deixamos de seguir o verdadeiro papel da docência: a produção compartilhada de conhecimento e a abertura de olhares para ovas realidades em um mundo melhor.

Há ainda um outro lado que começa na desobediência e chega a um extremo: de embate direto. Há quem teime em ir de confronto e entenda que a batalha nunca foi ganha. Mesmo assim, no grito, na força, se perde o sentido e se desgasta. A palavra lançada ao outro não pode ser retirada, na sua concretude ela é lembrada e a cada discussão a ferida volta a sangrar. O embate direto só aumenta o mal-estar no ambiente universitário, amplifica o adoecimento mental. Defendo que esse tipo de atitude em nada contribui e ainda diminui as potências a compartilhar e as habitações criativas.

Por essas questões que indico a necessidade do equilíbrio entre a realidade que atravessamos e nossos passos (o que me afeta, o que nos afeta e como construímos também afetos), em escolhas que vão sendo definidas na medida

em que tenhamos a ética (ao entender a essência do comportamento diante de nós e dos outros, trabalhando com cuidado entre o que afeta e os afetos), a estética (trazendo olhares que reveem o passado e o ampliam para o hoje) e a política (defendendo na práxis o que se acredita, de modo consciente).

A criatividade habita na desobediência e para que esse tempo resista, para que não precise de medidas para crescer, nutrição, compreensão e cura se tornam parte de uma caminhada em que se está sempre em processo, entre ensino e aprendizado, entre criar e recriar, entre si e o outro e entre nós, pensando coletivos. Habitar transversalmente na postura de criatividade desobediente na docência universitária exige uma relação intrínseca com a memória, tratando o registro e suas ausências, revivendo a História e a Arte em uma outra História e outra Arte, contextualmente.

Por fim, deixo a resistência no ensejo e arrisco te instigando a um desenho a ser pensado e construído: as habitações transversais da criatividade desobediente permitem escolhas, releem decolonialmente, ecoando sentidos se tornam processos que desterritorializam vistas de espaços demarcados pela colonialidade, dialogando conteúdos e conceitos, dando a abertura que precisamos do tempo que temos e estamos aqui, hoje e agora para o amanhã que merecemos!

Referências

AGAMBEN, Giorgio. La Potenza del Pensiero. Tradução de Carolina Pizzolo Torquato. Revista do Departamento de Psicologia - UFF, v. 18 - n. 1 p. 11-28, Jan./Jun. 2006.

BELTING, Hans. O fim da história da arte: uma revisão dez anos depois. São Paulo: Cosac & Naify, 2006.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, Abr. 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 30 de agosto de 2024.

CARSON, Rachel. Primavera silenciosa. São Paulo: Melhoramentos, 1962.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo. Editora UNESP, 2000.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

____. Vigiar e Punir: o nascimento da prisão. São Paulo: Vozes, 1999.

GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina. Porto Alegre: L&PM, 2012.

LATOUR, Bruno. Onde aterrar? – Como se orientar politicamente no antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MARTINS, Mirian Celeste. Provocando encuentros con el arte por las fisuras de la nutrición estética y mediación cultural. Pensam. palabra obra. 2019, n.22, pp.59-73. Epub Mar 26, 2020. Disponível em: http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2011-804X2019000200059&lng=en&nrm=iso&tlng=es. Acesso em 02 de julho de 2024.

REY, Sandra. Caminhar: experiência estética, desdobramento virtual. Porto Arte: revista de artes visuais, Porto Alegre, RS, v. 17, n. 29, p. 107-121, 2010.

LATOUR, Bruno. Onde aterrar? Como se orientar politicamente no antropoceno. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, Nº 34, p. 287-324, 2008.

READ, Herbert. História da Pintura Moderna. São Paulo: Círculo do Livro, 1980

VASCONCELOS, Flávia Maria de Brito Pedrosa. A VISTA DESOBEDIENTE: OLHARES DECOLONIAIS EM ARTES VISUAIS. In: Formas de Vida - Anais do 32º Encontro Nacional da ANPAP. Anais. Fortaleza, CE: IFCE, 2023. Disponível em: <https://www.even3.com.br/anais/32anpap2023/641512-A-VISTA-DESOBEDIENTE--OLHARES-DECOLONIAIS-EM-ARTES-VISUAIS>>. Acesso em: 26 de julho de 2024.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. Filosofia da práxis. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

Flávia Pedrosa Vasconcelos

Mini bio: Docente do Departamento de Artes Visuais e do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais - PPGART, Centro de Artes e Letras - CAL da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Líder do Grupo de Pesquisa Artes Visuais e Criatividade - AVEC - CNPQ/UFSM e coordenadora do Laboratório de Criatividade e Inovação - LACRIA

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7285933895645743>

ID ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9853-5588>